



CORRIDA À PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA:

## CENÁRIOS APONTAM PARA A ELEIÇÃO DE DANIEL CHAPO

ECONOMIA

20

**BVM PODE TRANSFORMAR A FORMA COMO SERVIÇOS PÚBLICOS SÃO GERIDOS**



ECONOMIA

24

**PRIMEIRO COMBOIO DE COMBUSTÍVEIS CHEGA AO MALAWI**



ECONOMIA

31

**GRUPO PARALELO SALGADO NO APOIO À TRANSIÇÃO ENERGÉTICA**



SOCIEDADE

37

**INTIC E BAU DISCUTEM IMPLEMENTAÇÃO DO SISTEMA DE CERTIFICAÇÃO DIGITAL**



# GRUPO PARALELO SALGADO QUER CONTRIBUIR PARA TRANSIÇÃO ENERGÉTICA EM MOÇAMBIQUE

- Tiago Quelhas, CEO do Grupo Paralelo Salgado, fala dos passos já dados para o efeito;

O Grupo Paralelo Salgado actua na área das energias renováveis nos países africanos. Numa primeira fase, o projecto está focado em Moçambique como resultado de um intercâmbio havido em 2023 aquando da realização de um fórum económico, na província de Inhambane, promovido pela Casa de Moçambique em Portugal.

Dos debates fervorosos surgiu a ideia de investir neste sector para minimizar a escassez desse recurso, a energia e, ao mesmo tempo, promover a sustentabilidade social e ambiental para as comunidades locais e não só.

O CEO do Grupo, Tiago Quelhas, concedeu uma entrevista exclusiva à ÍDOLO, onde de forma descontraída e didática, abordou os pressupostos que nortearam o interesse em investir nesta área considerada vantajosa para os processos de desenvolvimento socioeconómico. Confira a conversa nas linhas que se seguem.

Grupo Paralelo Salgado é constituído por três empresas e foi criado exclusivamente para desenvolver projectos no âmbito das energias renováveis nos países africanos. O nosso primeiro desafio começa em Moçambique como resultado da minha ida a este país em 2023, onde participei num fórum em Inhambane. Foi o terceiro fórum tecnológico social e, se não estou em erro, no final do mês de Junho. O evento tinha como propósito atrair investimentos para Moçambique em vários sectores, incluindo o das energias renováveis.

**I - Esse evento permitiu-lhe partilhar o portfolio do Grupo Paralelo Salgado e projectar cenários futuros em termos de investimentos?**

TQ - Exactamente. O fórum foi, realmente, a grande porta de entrada para Moçambique, onde tive o prazer de conhecer também, o então na altura, governador da província, Dr. Daniel Chapo. Mantive com o antigo go-



investidor-empresário que sou, para dar um forte contributo no sector das energias renováveis em Moçambique.

**I - Esses projectos económicos são acompanhados por componentes sociais?**

TQ - Não é possível equacionar o desenvolvimento económico de um país, no caso de Moçambique, sem que estejam garantidas as contrapartidas sociais para promover a sustentabilidade integrada, ou seja, o desenvolvimento social, nas Infraestruturas, na Educação e na Saúde. Tem que haver uma mudança de paradigma nos governos dos países africanos, nomeadamente, no caso de Moçambique. Na minha opinião, os governos não

**ÍDOLO (I) - Quais são os projectos do Grupo Paralelo Salgado e como é que surge a ideia de investir neste sector de energias renováveis no contexto local e internacional?**

TIAGO QUELHAS (TQ) - O

vernador de Inhambane, Daniel Chapo, hoje candidato do partido Frelimo à presidência da República, várias horas de conversa e convívio, e pareceu-me, sem dúvida, ser um homem com uma forma completamente diferente de pensar Moçambique

e o mundo. Fiquei bastante sensibilizado com isso, sobretudo com a sua preocupação em relação ao desenvolvimento económico, mas sobretudo o de garantir igualmente o desenvolvimento Social sustentável. Aliás, fui a Inhambane em repre-

sentação do presidente da Casa Moçambique, o Dr. Enoque João, que, por motivos de doença, não pôde estar presente. Na altura, tive duas funções, por um lado, falar do propósito da Casa de Moçambique no fórum e, por outro lado, falar como

podem continuar a permitir que se façam investimentos sem que sejam logo garantidas e negociadas as contrapartidas sociais para assegurar o crescimento sustentável do País. Qualquer sector de actividade que queira investir em Moçambique deverá, por uma questão de compromisso e de humanismo, fazer protocolos e compromissos bem estabelecidos para desenvolver aquilo que são as carências mais profundas do País.

"Não há desenvolvimento Económico, sem desenvolvimento Social". Reafirma Tiago Quelhas

**I - Qual é a experiência da Paralelo Salgado? E quais as suas principais valências?**

TQ - No caso das energias renováveis, o Grupo Paralelo Salgado tem uma experiência acumulada de 20 anos. Durante esses anos, já foram desenvolvidos vários projectos em Portugal. Temos mais de 500 megawatts de licenças, com algumas centrais solares, já instaladas, nomeadamente UPAC - Unidades de Produção Auto Consumo, para empresas, bem como CER - Comunidades de Energia Renovável ao nível dos municípios e do seu tecido empresarial.

As suas valências, técnicas e profissionais, vão, desde a consultoria, passando por todas as fases e procedimentos necessários ao desenvolvimento dos projectos, até, à construção da central solar, podendo em muitos casos, continuar a gerir o bom funcionamento das centrais, nomeadamente, através dos contratos O&M - Operação e Manutenção.

Nas energias renováveis, criamos e desenvolvemos as UPAC - Unidades de Produção Auto Consumo, as CER. Comunidades de Energia Renovável, Biomassa - Centrais de Biomassa, Biogás, Hidrogénio Verde e grandes parques fotovoltaicos.

**I - Em Moçambique, qual é o vosso objectivo e compromisso?**

TQ - Em Moçambique estamos empenhados em contribuir para a transição energética do País, através da produção de Energia Verde e Mais Limpa, promovendo a poupança energética e a sustentabilidade ambiental.

O nosso compromisso nos investimentos, é aliar a sustentabilidade econó-

sempenham um papel fundamental para a sua implementação.

Como consequência destes projectos, iremos também, desenvolver e implementar as UPAC - Unidades de Produção Auto Consumo, para dar resposta aos elevados consumos das Indústrias e Empresas do País.

“

## Não há desenvolvimento Económico, sem desenvolvimento Social

mica à sustentabilidade Social, através de contrapartidas sociais que visam dar resposta, prioritariamente, em projectos nos sectores da Educação e da Saúde.

A nossa intervenção em Moçambique, está devidamente alinhada com as grandes orientações do Estado e do Governo, em estreita parceria com as Entidades Oficiais, garantindo, desse modo, a prossecução dos interesses públicos, o cumprimento das metas climáticas e, sobretudo, a universalização da energia, ou seja, Energia para Todos, Mais Limpa e Mais Económica. A energia verde produzida é para injectar na rede para que seja distribuída com um tarifário mais económico para todos os consumidores, Estado, particulares e empresas.

Ou seja, há três (3) grandes fases ; numa primeira fase, é instalação de centrais solares para produção de energia na rede, que será distribuída ao consumidor final, desde as empresas, até, ao sector doméstico.

A seguir e, já com alguns projectos em carteira, iremos criar e desenvolver as CER - Comunidades Energias Renováveis, onde os Municípios de-

fauna e da flora. Tem que se respeitar essas valências para que consigamos implementar esses projectos que são necessários para a transição energética em equilíbrio com as comunidades locais. Devemos garantir um assentamento para as famílias, com todas as condições necessárias. Essa é uma das maiores preocupações dos projectos que temos neste momento em Moçambique.

Em segundo lugar, temos na nossa equipa profissionais e técnicos altamente especializados para analisar e desenvolver todos os projectos de engenharia necessários à construção dos parques solares. Para além destas questões, temos que estar em perfeita coordenação com as entidades oficiais de Moçambique, é fundamental o conhecimento profundo do sistema eléctrico de Moçambique, nomeadamente, as infraestruturas existentes,

a potência das subestações, os consumos dos principais consumidores intensivos, localizar as maiores carências no acesso à electricidade, entre outras várias questões essenciais ao sucesso dos projectos.

**I - Como avalia a tramitação do processo para a concretização efectiva do ambicioso projecto?**

TQ - O nosso Grupo tem boas relações com as entidades oficiais de Moçambique. Refiro-me à Electricidade de Moçambique (EDM) e Ministério dos Recursos Minerais e Energia (MIREME), bem como o FUNAE. Já mantivemos várias reuniões, com todas estas entidades, e sentimos que há uma manifestação de interesse por parte do Governo em abraçar e apostar nos projectos de energias renováveis. Estamos bastante empenhados em promover a transição energética

**I - Que aspectos técnicos devem ser acutelados para a execução de projectos dessa magnitude?**

TQ - Em primeiro lugar, tem que haver um cuidado pela preservação dos ecossistemas. Tem que haver vários estudos, não só técnicos, mas também ambientais, de levantamento de existência e necessidades ao nível da





*A Empresa Mulikana é constituída por pessoas muito competentes e conhecedoras do mercado em Moçambique, pelo que, são a melhor parceira e associação que poderia existir para levar a cabo, com sucesso, os nossos projectos*

em Moçambique e levar a energia para todos, pois a energia é um direito universal e não deve ser posta em causa. Todo cidadão deve ter acesso a electricidade. Sabemos que em África e em Moçambique, em particular, quase 50 por cento ou mais de metade da população não tem acesso a electricidade e isso é um problema gravíssimo, porque sem energia nos consumidores finais, não é possível contribuir para o desenvolvimento económico e Social, nem para o crescimento sustentável do País.

**I - A aposta é fazer um investimento para uma**

**zona específica ou para todo o País?**

TQ - A licença que temos em Moçambique, de 300MW é regional, isto é, não tem que ser obrigatoriamente alocada a uma determinada região, província ou distrito. Poderá ser utilizada de acordo com as prioridades que serão ditadas mediante a indicação das entidades oficiais competentes. É uma licença que pode ser desdobrada em várias partes. Por exemplo: 300 megawatts seria quase impossível fazer uma mega central, porque as infraestruturas neste momento não estão preparadas para suportar uma

potência de ligação tão elevada e uma produção tão grande e, portanto, não há subestações que aguentem um projecto com essas dimensões. Por esse motivo e, tendo em conta as necessidades e prioridades do País, a estratégia é fazer centrais de 30MW a 50MW, podendo em alguns casos, existir a necessidade de construir uma central de maior dimensão. Moçambique tem um potencial de necessidade futura de cerca de dois (2) gigawatts. Portanto, com esses 300 megawatts, se tudo correr bem, vamos ter condições e capacidades para investir na construção de mais parques e aumentar assim a potência necessária para o consumo do País. Os nossos fundos de investimento e a forma como trabalhamos, já foram referidos em 2023, no Fórum Económico de Inhambane, e este ano, no Fórum Tecnológico de Maluana. Voltei a referir que só investimos se estiverem garantidas as chamadas contraparti-

das sociais. Valerá apenas investir na produção da energia verde em Moçambique para a transição energética e para o cumprimento da meta da acção climática, se houver contrapartidas sociais que estejam garantidas.

**I - Insiste bastante em investimentos com contrapartidas sociais. Por acaso, o Grupo Paralelo Salgado já definiu o que vai fazer na área social para o benefício das comunidades?**

TQ - Já temos margens estabelecidas de que uma determinada parte desses investimentos vão ser obrigatoriamente distribuídos para a Saúde, a Educação e para algumas Infraestruturas de Acesso e ao Saneamento Básico de algumas comunidades onde serão instalados esses projectos. Podemos depois negociar e fazer protocolos de contrato directamente com os municípios, onde serão prioritários desenvolver projectos renová-

veis de centrais solares. Iremos depois falar com os presidentes dos municípios para fecharmos esse compromisso das contrapartidas sociais e propor a criação de CER - Comunidades de Energia Renovável para apoiar os municípios.

Eu sou sensível a essas questões sociais e humanitárias, não só porque é uma realidade com que me confronto e não consigo ser indiferente, mas sobretudo porque sou também há cinco (5) anos presidente de uma ONG, a Social Generation, cujo principal objectivo é dar um contributo aos países africanos a desenvolver nas áreas da Educação e da Saúde.

Com este cariz eminentemente social, volto a repetir que não faz sentido falar em desenvolvimento económico sem falar do desenvolvimento social. Portanto, no caso de Moçambique, estamos agora com os 300 megawatts. Já estamos a desenvolver os primeiros 30 megawatts. Por questões de compro-

misso, com as entidades oficiais, não podemos ainda divulgar o local da primeira central solar que vai ser instalada, mas o Grupo Paralelo Salgado está a trabalhar afincadamente em Moçambique para tornar realidade estes projectos e continuar a dar um contributo para a energia verde e para a transição energética no País.

Quero destacar a importância dos nossos Sócios em Moçambique, a Empresa Mulikana, detém em conjunto com a Paralelo Salgado, a licença de 300MW., é constituída por elementos de elevado conhecimento técnico e profissional, sendo que, têm um conhecimento profundo das principais necessidades do País e isso ajuda a traçar uma estratégia para uma melhor concretização dos objectivos e das prioridades de Moçambique.

"A Empresa Mulikana é constituída por pessoas muito competentes e conhecedoras do mercado em Moçambique, pelo que, são a melhor parceira e associação que poderia existir para levar a cabo, com sucesso, os nossos projectos". Reafirma Tiago Quelhas

**I - No quadro desse processo de transição energética, o Grupo Paralelo Salgado vai fazer esta aposta de investimentos em Moçambique. Está a olhar para aquilo que é a carteira de prioridades do Governo de Moçambique sobretudo no que diz respeito à industrialização?**

TQ - Sim, estamos a trabalhar em estreita sintonia e coordenação, como já referi, com as entidades oficiais e penso que as directrizes continuam a ser as mesmas sempre no sentido de aperfeiçoar esse caminho na tomada de posse do próximo Presidente da República e do próximo Governo, a serem eleitos em Outubro de 2024. As prioridades são definidas pelo Governo. Nós temos a licença, os fundos de investimento e temos toda essa experiência para pôr à disposição do País. Eu diria que o problema aqui

não é o dinheiro, não é a falta do dinheiro, mas a vontade, a determinação e uma coordenação estreita entre aquilo que é a parte técnica industrial de engenharia de desenvolvimento destes grandes projectos e também financeiro ao nível de investimentos, mas também a necessidade e as orientações que o Governo pretende dar para que em sintonia consigamos colocar esses projectos a funcionar onde o Governo quer que funcionem, ao serviço do País. Só fazemos os projectos em Moçambique de forma transparente, de forma legal, e com orientação directa das entidades oficiais de Moçambique e seguimos escrupulosamente os pedidos, as sugestões e as indicações que o Governo dá.

Por outras palavras, a nossa intervenção em Moçambique, está devidamente alinhada com as grandes orientações do Estado e do Governo, em estreita parceria com as Entidades Oficiais, garan-

tindo desse modo, a prossecução dos interesses públicos, o cumprimento das metas climáticas e, sobretudo, a universalização da energia, ou seja, Energia para Todos, Mais Limpa e Mais Económica.



“  
O Sol tem que ser visto como um activo financeiro, com retorno de investimento, capital garantido e elevada taxa de rentabilidade

“  
**Em Moçambique a Biomassa é um recurso abundante, sendo que, já está em curso o estudo e planeamento para a execução de projectos no País**

**I - Esses investimentos contemplam a transferência tecnológica?**

TQ - Nós vamos criar polos de formação, de criação de emprego e centros de investigação, portanto, isto também é uma base. Não chamaria contrapartidas sociais directas, mas contrapartidas sociais indirectas, pois têm um impacto social e económico muito importante, porque esses parques solares têm longevidade, entre 30 a 40 anos, por isso, precisam de manutenção, de limpezas e dos chamados O&M, que é um contrato de operação e manutenção. É necessário capitalizar os recursos humanos do País na proximidade das centrais para que possam garantir o bom funcionamento dos cen-

tros de monitorização e também de toda a central. Vai ser um desafio interessante para alavancar este sector e a própria comunidade local pode ter isso como fonte de rendimento, isto representa mais um elemento chave para promover a sustentabilidade económica e social. É importante referir que um dos nossos objectivos é abraçar juntamente este projecto de energia fotovoltaica em Moçambique. O Governo e as entidades oficiais são um elemento chave no contributo para a transição energética. Não é apenas a produção de energia verde, por questões ambientais, sociais e tarifário mais económico, mas há aqui a questão de criar autonomia energética no País, pois tem imensas potencialidades e não necessita de ter algumas intermitências, de estar refém de outros países à volta, nomeadamente África do Sul. Sabemos que há uma grande parte da Cahora Bassa que é disponibilizada à África do Sul que também tem outros problemas. Moçambique tem condições mais do que suficientes e imenso potencial para poder ser completamente autónomo e autossuficiente na questão de energia.

**I - O que está equacionado em relação a biomassa no contexto moçambicano?**

TQ - Quero aqui deixar uma palavra especial sobre a energia renovável via biomassa. A biomassa funciona 24 horas por dia, enquanto que as centrais solares só trabalham na presença do sol. Moçambique tem uma média de 2 mil horas solares anuais disponíveis para produção e são números fantásticos que podem dar muito sucesso e rentabilidade a todos estes projectos. Considero que Moçambique tem um potencial enorme para o desenvolvimento de projectos solares, "é um país com características únicas e, particularmente favoráveis, para esta fonte de energia renovável, o Sol". "O Sol tem que ser visto

**PARALELO SALGADO**  
Empowering Africa through Energy.

## Criamos valor sustentável!

### Energias Renováveis

**Promovemos a transição energética em Moçambique**

Investimos em soluções sustentáveis e de poupança energética para mitigar os impactos ambientais e fomentar a sustentabilidade económica e social, impulsionando o crescimento das comunidades locais.

**Energia mais limpa e mais económica para todos**

### Projetos e Soluções

- Grandes parques solares
- CER - Comunidades de Energias Renováveis
- UPAC - Unidades Produção Auto Consumo
- Hidrogénio Verde
- Biomassa
- Biogás

**Para mais informações contacte-nos:**  
Tiago Quelhas: +351 960 280 987 / José Bessa: +351 963 309 628

como um activo financeiro, com retorno de investimento, capital garantido e elevada taxa de rentabilidade". Diz Tiago Quelhas Mas a biomassa é também um elemento importante das renováveis que irá,

certamente, ter um papel fundamental porque Moçambique tem potencial muito grande, fundamentalmente, porque as centrais biomassa, para além de produzir energia, vão criar empregos locais e for-

mação para a população e, sobretudo vai ajudar a reordenar a floresta, evitando assim que existam áreas completamente inacessíveis onde não se consiga quase tirar nenhum proveito da terra ou de ter acesso

a esses locais. É fundamental evitar também o risco de incêndios, no fundo é juntarmos o útil ao agradável em termos de ecossistema, transição energética e produção de energia através da biomassa, num equilíbrio que leve ao desenvolvimento económico e à sustentabilidade social.

O nosso grande parceiro para a Biomassa é o CBE - Centro da Biomassa e Energia, uma prestigiada entidade que tem como missão "promover a valorização da biomassa através da otimização e conhecimento das suas várias cadeias de valor, desde a produção e gestão da biomassa, passando pela recolha, tratamento e transporte, até à utilização e consumo, contribuindo deste modo para a melhoria da gestão integrada de recursos, para a prevenção dos fogos rurais e para a transição energética baseada numa maior neutralidade carbónica." [centrodabiomassa.pt](http://centrodabiomassa.pt) Toda a gestão e coordenação destes projectos de Biomassa, é feita através do Eng. João Bernardo, pessoa que transporta 30 anos de experiência e de trabalho no sector da energia, quer na Europa, quer também em África, é o actual presidente do CBE.

"Em Moçambique a Biomassa é um recurso abundante, sendo que, já está em curso o estudo e planeamento para a execução de projectos no País." afirma Tiago Quelhas.

É importante referir que este trabalho é feito de forma muito estreita com o meu sócio e parceiro engenheiro José Bessa, um profissional muito credível, com muita experiência de cerca de 20 anos na área. Já fez muitos projectos em Portugal e tem uma visão alargada das energias renováveis, quer do ponto de vista de toda a sua eficiência, quer também das vantagens que um País pode tirar destes projectos. É meu parceiro e sócio e é a pessoa que, juntamente com outros sócios, estamos a desenvolver estes projectos em Moçambique, começando pelos 300 megawatts.